

À procura da dimensão perdida: uma escola de infância de Reggio Emília

Rabitti, Giordana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.(195 p.)

Anamaria Santana da Silva*

A educação das crianças de 0 a 6 anos durante muito tempo foi pensada como um dever da família (leia-se da mulher) e, portanto, era desenvolvida apenas no âmbito privado. A conquista do direito à educação das crianças pequenas em instituições educativas é um fenômeno dos anos 60 e está diretamente relacionado às mudanças ocorridas na estrutura familiar e ao crescimento da presença das mulheres no mercado de trabalho.

Assim, nas últimas décadas, amplia-se o debate a respeito da educação infantil e de propostas pedagógicas que possam atender às necessidades das crianças pequenas.

O trabalho desenvolvido nas creches e pré-escolas italianas tem se destacado mundialmente, não só pela qualidade do atendimento, como principalmente pelo caráter inovador e revolucionário dos princípios da proposta.

O livro de Giordana Rabitti *À procura da dimensão perdida: uma escola de infância de Reggio Emília* descreve um pouco dessa fascinante experiência que foi considerada pela Revista Newsweek, como “a melhor escola de educação infantil do mundo”.

A obra é parte da tese de mestrado da autora, defendida na Universidade de Illinois com uma pesquisa, fruto de um estudo de caso que durou mais de um ano, durante o qual ela fez observações na Escola *Villetta*, uma dentre as 20 escolas da infância da cidade de Reggio Emília, no Norte da Itália.

Primeiramente, a autora discute a opção pelo estudo de caso – que considera a metodologia mais propícia no sentido de se avaliar qualitativamente uma experiência – e apresenta as contribuições da antropologia da educação e do estudo etnográfico.

A proposta da pesquisa de Rabitti era observar o trabalho de artes desenvolvido com as crianças nos “ateliers” – que são espaços de trabalho das crianças e das professoras acompanhadas por um “atelierista”.

Segundo Malaguzzi¹,

o atelier foi um dos elementos para quebrar com a tradição, para complicar uma estrutura monolítica. Na escola das palavras, introduzimos a escola do fazer, das

* Professora do Depto de Educação do Centro Universitário de Corumbá – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e doutoranda da FE-UNICAMP. anasantana@enersulnet.com.br

1. Lóris Malaguzzi (1920-1992) foi consultor da primeira escola municipal da infância de Reggio Emilia em 1963 e diretor das escolas da infância de 1970 a 1985; foi um dos idealizadores do projeto Zerosai, autor do poema *As cem linguagens*, que tanto tem inspirado a teoria e a prática das escolas da infância.

atividades, o que significa a introdução e a potencialização da expressividade gráfica, pictória, etc. (p.64)

Durante a pesquisa, ela descobre o sentido das palavras de Malaguzzi: “o ateliê transbordou, derreteu-se na escola inteira.”

Segundo a autora:

A arte é vista como comunicação, como potencialização da imaginação e da criatividade e o vocábulo, muitas vezes é utilizado como sinônimo de conhecimento. Assim, educação artística virou sinônimo de educação em sentido amplo.

O livro traz descrições muito interessantes das observações de Rabitti nas turmas de crianças de 3, 4 e 5 anos de idade nos momentos de trabalho individual e coletivo; na hora da chegada e da saída das crianças; nas refeições; no horário do sono; enfim, a autora capta momentos do cotidiano da *Villetta*, que nos possibilitam pensar as ricas interações ocorridas entre as crianças, entre os adultos e entre as crianças e os adultos.

São momentos em que as crianças organizam a sala “de aula”, brincam de casinha, de zoológico, auxiliam a cozinheira na arrumação das mesas para as refeições, levam e trazem recados, brincam na neve, fazem uma pizza, desenham, pintam, constroem com blocos de madeira, ouvem e contam histórias.

Tudo isso nos possibilita entender o quanto a organização do tempo e do espaço é fundamental para que uma proposta de educação para as crianças pequenas possa favorecer a autonomia, as interações, a criatividade, a livre expressão e a imaginação. Um planejamento que seja, ao mesmo tempo, estruturado e flexível possibilita que as crianças construam o conhecimento, entendido aqui como produção de cultura.

O eixo do livro é a descrição que a autora faz do desenvolvimento de um projeto intitulado *A máquina de fazer vento*, desenvolvido por 6 crianças de 5 anos junto com o “atelierista” da *Villetta*. A idéia nasceu a partir de um diálogo entre duas crianças que estavam enchendo balões para uma festa da escola; cansada de tanto soprar, uma delas falou:

- Puxa, bem que podia existir uma máquina de fazer vento!

A professora, atenta e observadora, propôs às crianças e ao “atelierista” a construção da tal máquina. E a idéia virou um projeto que durou 3 meses.

O trabalho foi registrado pela pesquisadora através de fotos, filmagens, gravação das conversas entre as crianças e entre elas e o “atelierista”, entrevistas com os profissionais.

Muito bom! Os diálogos, as dúvidas, as sugestões, as formas de resolução dos impasses, as discussões a respeito das possibilidades, enfim: o confronto de idéias como gerador de conhecimentos e impulsionador das ações!

É a pedagogia da escuta de que nos fala Carla Rinaldi.²

2. Pedagoga, atual diretora das escolas da infância. O termo foi utilizado numa palestra que tive a oportunidade de ouvir quando estive em Reggio, em abril/2000.

A autora registrou também outros aspectos fundamentais do projeto *Zerosei* (como é chamado o projeto das escolas de Reggio):

- *as sessões de aprimoramento*: são reuniões entre os professores, o “atelierista” e a pedagoga, em que ocorre a troca de idéias entre os profissionais, para o planejamento e a avaliação do trabalho;

- *a gestão coletiva*: os pais não só participam das reuniões para troca de informações a respeito das crianças e do trabalho, como também colaboram na execução de projetos e na solução de questões específicas da escola;

- *a importância da documentação*: acompanhar e registrar as várias fases de um projeto é fundamental para que a experiência possa ser compartilhada. Assim, a memória do trabalho é feita com gravadores, fotos, registros das crianças e está presente por todo o ambiente.

Sobretudo, é preciso ressaltar que todo esse trabalho está impregnado de um conceito de infância no qual a criança é, acima de tudo, um ser capaz, que pensa, faz, cria, troca.

Interessante que, no relato de Rabitti, percebem-se, também, as dificuldades e os impasses que os profissionais enfrentam no cotidiano do trabalho: Qual é o melhor número de crianças participando de um projeto? Como e quando deixar as crianças sozinhas? Como lidar com as dificuldades e limites de cada criança? Como trabalhar com um professor recém-formado? Como garantir o registro fiel de uma atividade?

Esses são alguns dos problemas que os professores enfrentavam naquele momento e que nos dão a dimensão de que o trabalho não é um pacote pronto, está em permanente (re) construção, pois a creche e a pré-escola são locais de aprendizado também para os adultos.

Enfim, considero que o livro de Rabitti é uma importante contribuição para professores e pesquisadores da educação infantil; aqueles preocupados em elaborar e implementar uma proposta pedagógica que não seja escolarizante (fundada na transmissão de conhecimentos) nem assistencialista (preocupada com a formação de hábitos e atitudes – de submissão, é claro).

Aqueles que, como Rabitti (e outros “arqueólogos da alma humana”), estão à procura da dimensão perdida: o ludismo, o prazer, a descoberta, a troca, o amor, a seriedade, o confronto, a beleza, e descobrem que é na própria procura que está o achado.